

Antares Dossiê Hilda Hilst Hilda Hilst Hilist

Apresentação

*Alessandra Rech**
*Cecil Jeanine Albert Zinani***
*Salete Rosa Pezzi dos Santos****

Este ano marca uma década da morte de Hilda Hilst. A escolha desta importante escritora brasileira e de sua obra como tema para o presente dossiê vai muito além da efeméride. Com um extenso trabalho que contempla a prosa, a dramaturgia e a poesia, essa paulista, de Jaú, nascida em abril de 1930 e morta em fevereiro de 2004, costuma ser pouco conhecida ou mal interpretada.

Muitas vezes, Hilda Hilst foi identificada com a literatura obscena, reduzida, até, a esse gênero que é, em uma análise mais cuidadosa, apenas uma de suas ferramentas expressivas. A tais reducionismos, costumava questionar: “o que verdadeiramente é obsceno?”. Obsceno, como disse Hilda Hilst certa vez, é a miséria, a fome, a crueldade. Obscena, ainda, segundo a poeta, é a época em que viveu. A força das imagens na sua obra poética pode sugerir também que obsceno é o tempo – um tema recorrente e grandiosamente abordado.

* Editora convidada. Doutora em Letras (UFRGS). Docente na área de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul.

** Editora convidada. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Programa de Doutorado em Letras e Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul.

*** Editora convidada. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade e Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Os termos da anatomia que, aparentemente, apenas expõem as reentrâncias do corpo e os desatinos da mente e chocaram, inicialmente, o público, expressam, em especial na prosa hilstiana, uma literatura existencial aguda. Já a elegante poesia, em que Hilda Hilst desfila um vocabulário de profunda conhecedora da língua, demonstra a erudição na diversidade de formas poéticas que emprega, a capacidade ímpar de construir imagens e de expressar liricamente as questões universais de sua época.

Seguramente situada entre as maiores autoras do século XX, Hilda Hilst retoma parte significativa da tradição literária e propõe um diálogo inovador. É para ampliar a discussão sobre esse trabalho tão diverso quanto ainda enigmático – considerando que sua obra, apesar da qualidade já referida (ou quem sabe em decorrência dela), é pouco conhecida até mesmo no meio acadêmico – que convidamos estudiosos para a presente edição da Revista Antares.

Compondo este dossiê “Hilda Hilst”, Cristiane Grando, fundamentada na crítica genética, estuda a obra *Da Morte. Odes mínimas* e seus manuscritos, examinando o processo criativo na escritura dos poemas, nos quais evidencia-se, a partir de estruturas simples, que Hilda Hilst compõe estruturas complexas.

Cristina Löff Knapp, na perspectiva comparatista, propõe o estudo dos contos “Rútilo nada”, de Hilda Hilst, e “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade, realçando aspectos relacionados ao gênero social e à construção das personagens, as quais apresentam-se com densos conflitos psicológicos.

Tu não te moves de ti é o romance estudado no artigo de Liane Schneider e Amanda Barros de Melo o qual propõe a investigação a respeito da experiência de leitura concretizada pelos leitores dessa obra, por meio da análise da organização interna do texto, desvelando jogos de significado que podem confundir texto e leitor.

Luciana Borges contempla estudos culturais de gênero na análise da personagem Agda, presente em contos homônimos que compõem a obra *Kadosch*. Representação do corpo feminino e comportamento transgressor da personagem são alguns dos aspectos que se destacam neste estudo, conduzindo o leitor a uma abordagem diferenciada da obra da autora.

Entrevistas de Hilda Hilst constituem o objeto de estudo de Sérgio de Sá, que enfatiza a importância da mídia para a construção da figura de autor, constatando que, ainda assim, a obra da autora continua distante do público que tem dificuldades para entendê-la.

Finalmente, Tânia Maria Cemin Wagner discute o significado da vida e da morte, vivenciado pela personagem Hillé, da obra *A obscena senhora D*, a qual se encontra desamparada, necessitando reencontrar seu bem-estar, ainda que não acredite que isso possa acontecer. A compreensão da trajetória dessa personagem, numa abordagem psicanalítica, permite constatar a supremacia da pulsão de morte sobre a pulsão de vida.

A Seção Geral deste número 11 contempla artigos de diferentes temáticas. A questão judaica está presente em “Hay un pequeño gueto, donde vivía solamente descendentes de judíos: a diáspora na obra de Susana Gertopan”; a obra *Arquitetura do arco-íris* (2004), de Cíntia Moscovich, é abordada em “Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis”; o submundo urbano, caracterizado pela violência, aparece em “A representação da violência no espaço urbano contemporâneo em contos de Marcelino Freire”; a conexão entre filosofia e estudos literários é evidenciada em “Fábula, simulacro e assassinato: três conceitos para compreender a literatura em Foucault”; as relações entre a geografia e outras áreas do conhecimento são focadas em “Orientação espacial e a *Geografia de Dona Benta*: observações pela experiência vivida”; o papel do docente como mediador cultural no processo educativo é tratado em “A mediação cultural e o processo de humanização do homem”; a construção da identidade de jovens é assunto do texto “Do jovem, para o jovem: estudo da identidade juvenil na Pastoral da Juventude”; o teatro de Clarice Lispector ganha espaço na análise intitulada “Uma dramaturgia de Clarice Lispector: silêncio, traição e morte em *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*”; e o universo simbólico woolfiano é a pauta de “Literatura e Formação: análise simbólica de *Passeio ao Farol*, de Virginia Woolf”. Arrematando este número, figura a resenha do livro *Modernismo localista das Américas: os contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo*, publicado em 2012 pelo professor de Yale, Paulo Moreira.

Numa época em que a escrita feminina tem alcançado o reconhecimento de estudiosos de diferentes tendências, lembrar a poeta, ficcionista e dramaturga Hilda Hilst, por meio de estudos que contemplam sua vasta produção, é mais do que uma justa homenagem a essa intelectual tantas vezes premiada, no ano em que sua ausência completa 10 anos. Nesse sentido, a revista ANTARES: Letras e Humanidades presta o merecido tributo à escritora e convida os leitores para o debate.